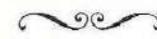


9 Ouve o silêncio em torno e ruge: — "Agora, agora!
10 Achei meu cofre! Achei!..." — gargalha, grita, chora,
Na homérica ilusão que ele mesmo proclama...

Inclina-se. Algo colhe e, em delírio perfeito,
13 Investe contra a sombra e aperta contra o peito
Velha tampa de esquife empastada de lama.



GALBA DE PAIVA *



DESERTOR

Silêncio... Inércia... Morte... O fim de tudo...
Era o estranho ideal que acalentara
Quando vivi qual cego, surdo, mudo,
Ou sonâmbulo em crise longa e rara.

tia» — afirma Marques da Cruz na *Revista da Academia Paulista de Letras*, nº 25, pág. 169. «Epígonos da geração acadêmica do Romantismo», fundamentalmente um romântico, ele viveu, porém, a vida da sua época. «Foi parnasiano e simbolista» — escreve Marques da Cruz, concluindo. (Limeira, Est. de S. Paulo, 18 de Março de 1879 — Rio de Janeiro, Gb, 22 de Junho de 1937.)

BIBLIOGRAFIA: *Estelário; Terra Prometida*.

6. Epimone. — Cf. nota 2, pág. 36.
9. Ricochete: "... — Agora, agora!"
10. "Achei meu cofre! Achei!..." : Mesarquia. Cf. nota 7, pág. 42. Observe-se, ainda, a adequação dos verbos a exprimir uma graduação ascendente.
13. Cf. nota nº 6 deste capítulo.

- 5 Covarde e tresloucado, em transe agudo,
De súbito fugi à vida amara
E marchei, constrangido, para o estudo
8 Do enigma que, em vão, me acabrunhara.

(*) Poeta distinto, jornalista, conferencista e crítico literário. Depois de cursar o Liceu Alagoano, de Maceió, bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, tendo sido o orador da turma de 1915. Exerceu várias funções públicas na administração e na magistratura do Rio Grande do Sul. Colaborou em diversos jornais e revistas, dentre outros o *Diário do Interior*, de Santa Maria, *Última Hora*, de Porto Alegre, *Fon-Fon!* e *Leitura Para Todos*, do Rio de Janeiro. Na revista

9 Mas não morri... Morreu-me o vaso impuro...
E, distante da carne transitória,
Colho o passado e planto o meu futuro.

Nem mistério, nem cinza à nossa frente...
Apenas o homem louco de vangloria
14 Procurando enganar-se inutilmente.



AFONSO CELSO de Assis Figueiredo Júnior *



ESPLENDORES

Além, a luz do espaço se esfacela
2 Em explosões de sons e cores raras,
Tecendo o amor e a glória nas searas
Da vida universal sublime, bela...

Brilham, depois do azul que o céu revela,
Astros em bando, iguais longas aparas
De altas constelações, em formas claras:
Sóis pendendo de vasta passarela...

carioca A Semana foi crítico literário ao tempo de Adelino Magalhães. De 1930 até à sua desencarnação, viveu no Rio de Janeiro, advogando no foro. (Uruguaiana, Rio Grande do Sul, 26 de Setembro de 1893 — Rio de Janeiro, Gb, 1 de Julho de 1938.)

BIBLIOGRAFIA: Folhas, versos; Hora Azul, conferência; Elogio das Cores, idem; etc.

5. Aliteração em *d*.

8. Suarabácti: "e-ni-g-ma". Cf. nota 1, pág. 47.

9. *morri...* *Morreu-me...*: Políptoto.

14. Para que possamos entender-lhe o soneto, transcrevemos apenas o último terceto de "Perante a Dúvida", que o poeta escreveu, tempos antes de se suicidar:

"Mas do termo final já não me iludo...
— Basta a triste certeza de ser nada,
Basta a vaga esperança de ser tudo."

(Apud Col. Poetas Sul-Riogr., pág. 283.)

(*) Poeta, romancista, historiador, jornalista, dramaturgo e orador consumado. Doutorou-se Afonso Celso na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1881. Professor e diretor da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Reitor da Universidade do Brasil. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira nº 36. Pertencia à Academia das Ciências de Lisboa. Colaborou em muitos jornais e revistas de S. Paulo e do Rio, principalmente no *Jornal do Brasil* desta última